



PICO DO MAROMBA
O ELO QUE FALTAVA

PÁGINA 6



CHAPADA DIAMANTINA
CAMINHANDO DE IGATU A LENÇÓIS

PÁGINA 10



BOLÍVIA
DA ROCHA AO GELO

PÁGINA 26

BOLETIM

SETEMBRO/OUTUBRO/2017



CEB

**CENTRO
EXCURSIONISTA
BRASILEIRO**



O DESERTO DE ATACAMA E O SALAR DE UYUNI

*Diário
de uma
excursão
a outro
planeta*

PÁGINA 16



Desconto não acumulativo e mediante a comprovação de afiliação ao clube.

10% de desconto para sócios de todos os clubes de montanha.*

www.makalusports.com.br

Artigos para camping, escalada, mergulho, natação, rapel, tiro esportivo e airsoft. Roupas de inverno e equipamentos para trabalho em altura.

Siga nossas Redes Sociais



facebook.com/MakaluSports



@makalusports



youtube.com/makalusportsoficial



Makalu Tijuca

**Rua Conde de Bonfim, 346 loja 203
Tel: (21) 2567-0720 / (21) 3507-9891**

Makalu Centro

**Rua da Alfândega, 112 - Centro
Tel: (21) 3174-2515 / (21) 3174-2526**

EDIÇÃO SETEMBRO/OUTUBRO/2017



Capa: O Lincacabur, visto da Laguna Verde
foto de Martinus

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores. Elas não traduzem necessariamente a opinião oficial do CEB.

Sede Social

Av. Alnte Barroso 2, 8º andar
Rio de Janeiro/RJ - CEP 20031-000
Tel/fax (21) 2252-9844
Atendimento: 2ª a 6ª das 14h às 21h

Site: www.ceb.org.br
Facebook: fb.me/centroexcursionistabrasileiro
e-mail: ceb@ceb.org.br
Ouvidoria: ouvidoria@ceb.org.br
CNPJ: 33.816.265.0001-11

MENSALIDADES

Sócios contribuintes: R\$ 48,00*
Sócios proprietários: R\$ 28,00
Sócios dependentes: R\$ 9,60
Taxa de admissão: R\$ 96,00

- Taxa de participação em excursões para não-sócios e sócios com mensalidades atrasadas: R\$ 48,00.
- São isentos da taxa os convidados pessoais do guia, e os convidados de sócios, desde que esta isenção seja aprovada pelo guia.
- Qualquer escalada ou excursão com número limitado de participantes é prioritária para sócios em dia com as mensalidades.

* R\$ 51,00 para pagamento via boleto bancário

* Você pode se associar diretamente pelo site.

Organização: Martinus van Beeck e Ricardo Barros
Revisão: Sinezio Rodrigues ■ Diagramação: Sylvio Marinho
Impressão: Gráfica Tudo Para Ontem
Tel: 24454695 / 2426-0324 e-mail: tudoparaontem@terra.com.br



Fundada em
1º de novembro
de 1919

Diretoria

PRESIDENTE
RODRIGO TAVEIRA
rtaveira@grupounicad.com.br

VICE-PRESIDENTE
LUÍS FERNANDO PIMENTEL
luisffp@yahoo.com

DIRETOR TÉCNICO
ALEXANDRE CIANCIO
aciancio@gmail.com

DIRETOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
RICARDO BARROS
rsbcont@gmail.com

DIRETOR SOCIAL
KAREN SILVA
kariocachris@gmail.com

DIRETOR DE MEIO-AMBIENTE
ROSIMAR NEVES
rosimarrsn@gmail.com

DIRETOR ADMINISTRATIVO
FERNANDO ESTEVES
fernando.sevetse@gmail.com

DIRETOR FINANCEIRO
MARTINUS VAN BEECK
martinusvanbeeck@gmail.com

1º SECRETÁRIO
ÂNGELO VIMENEY
avimeney@gmail.com

2º SECRETÁRIO
HENRI SIDNEY
hsnndione@gmail.com

CONSELHO DELIBERATIVO
MEMBROS NATOS

ANTÔNIO CANDIDO DIAS, CLAUDIO RODRIGO TAVEIRA SANTOS, FRANCESCO BERARDI (PRESIDENTE), JOSÉ PELAIO TEIXEIRA GONÇALVES, MARY SEBASTIANA ARANHA ROSSI, SIMONE HENOT LEÃO

MEMBROS ELEITOS

ADILSON RODEGHERI PEÇANHA, ANTÔNIO CARLOS FERNANDES BORJA, CLAUDIA BESSA DINIZ MENEZES, FERNANDO ROBERTO ESTEVES, FLAVIO DOS SANTOS NEGRÃO, HENRIQUE FLEUISS C. PRADO, HORACIO ERNESTO RAGUCCI, JOSÉ MARIA FAGUNDES DA CRUZ, LUIS FERNANDO FERNANDES PIMENTEL (SECRETÁRIO), MARTINUS JOHANNES THEODORUS VAN BEECK (VICE-PRESIDENTE), MILTON ROEDEL SALLES, PEDRO BUGIM RUEL VERGNANO, RICARDO MOREIRA BARBOSA, SILVIA MARIA DE ALMEIDA, ZILDA ALVES DE MAGALHÃES

**CEB, o primeiro clube
de montanhismo do Brasil**



O grupo no cume, fotografado pelo guia Herick



O guia mirim Herick

UMA CAMINHADA EM TRÊS PICOS COM UM

4

GUIA



MIRIM



Herick e Nanda na Toca de pedras



No dia 27 de fevereiro desse ano, levei minha irmã Nanda (Fernanda) de 11 anos, Tia Norminha, Vovô Martinus, Tio Almir, Marcelo Morgado e Rodrigo Pulcinelli no Morro do Chico, aqui em Três Picos.

Herick Macario de Oliveira

Morro do Chico é o nome do Sr. Francisco, "Chico do Queijo", que me dá pirulito de coração de morango que eu gosto muito! Ele é também o pai do Paulinho e do Zé.

Eu ia guiando pelo meio do caminho que era estrada no início e depois trilha. Tinha muitas pedras, bastante árvores bonitas que se chamam araucárias e também flores roxas, lilás e rosas. Tio Almir disse que eram manacás e quaresmeiras.

Tinha hora que não tinha caminho marcado, mas eu conseguia ir adiante. Paramos perto de uma nascente pra descansar. Seguimos o caminho e eu vi a toca de pedra onde eu já estive com o Paulinho e o padrinho Lanzudo (Oldair) quando caminhei com eles. Eles sempre fazem sopa de macarrão com pedaços de carne pra gente comer nesse lugar. Como é bom!

A Nanda me deu muito trabalho porque queria passar na minha frente, mas eu não deixava, não. O vovô Martinus não me deu nenhum trabalho, mas eu ficava de olho nele também. Os outros não passavam na minha frente, me obedeciam e Tio Almir ficava sempre pra trás fotografando e filmando tudo. Quando eu via o Tio Almir bem lá longe, eu seguia bem

devagarinho. Passamos debaixo da cerca de arame farpado e eu levantei a cerca pra eles passarem. O dia tava muito lindo. A gente via as montanhas lá longe e as casas lá embaixo dos moradores de Três Picos. E também víamos as estufas de mudas de couve. Paramos quase chegando no cume pra descansar e fazer xixi.

Quando chegamos no cume, quantas vacas e bois bem no meio do caminho! Não dava pra seguirmos. Fiquei com medo. Tio Almir veio e saiu tocando a boiada pra mim. Assim conseguimos chegar no cume. Lanchamos, descansamos, tiramos fotos. Do cume eu vi minha casa e a casa do meu padrinho Lanzudo. Depois descemos pelo outro lado e eu continuei levando todo mundo. Paramos pra tirar uma foto na porteira velha. Tia Norminha viu um pé de limão amarelo e pegou alguns. Quando passamos pela ponte do riozinho eu segui com o pessoal para o bar da minha mãe Vilma pra eles tomarem umas cervejinhas geladas, mas a tia Norminha preferiu ir pra casa dela.

Gostei muito desse passeio.

Herick tem 8 anos é morador da Comunidade de Três Picos

O Gado no cume do Morro do Chico



No cume das Prateleiras



PICO DO MAROMBA O ELO QUE FALTAVA

6

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO

Sinezio Rodrigues

De acordo com o anuário estatístico do IBGE, além do Pico da Cabeça de Touro, que tem exatos 1.600m de altitude, existem outras 16 montanhas brasileiras com altitude acima de 1.600m. Dessas eu só ainda não havia subido o Pico do Maromba, 2.613m, na Serra da Mantiqueira. Tentei subi-lo em 2 de janeiro de 1998 numa excursão do Berardi em que estavam presentes, entre outros, Barreiros/Cláudia Lafayette, Lis/Endre, Carlos Vageler/Alessandra, Flávio Wasniewski, Noi Fernandes e Luis Carlos Ferreira, o Plim-Plim. Naquela ocasião, estávamos

acampados no Alsene, e começamos subindo o Morro do Segredo, pegando em seguida parte da trilha dos Cinco Lagos, para sair na trilha que vai para o Vale do Aiuruoca, na base da Pedra do Altar, num longo percurso. Lembro que não estava muito bem do estômago, e quando finalmente começamos a subida do Maromba, a talvez uns 40 minutos do cume, eu desisti, para ter forças para poder voltar, e a Alessandra também não subiu, ficando comigo. Na volta, as forças do Flávio Wasniewski esgotaram-se quando ele chegou ao abrigo Rebouças, já à noite, e ele prosseguiu até o Alsene como um zumbi, amparado pelos colegas.



FOTO DANIEL RODRIGUES

Pedra do Altar



Agora, aos 70 anos, achei que não mais subiria aquele “elo perdido” da corrente de 16 montanhas. Porém, no dia 2 de agosto, aceitando um convite da dupla Berardi x Cláudia Bessa, desloquei-me de São Paulo e fui ter com eles na Garganta do Registro, de onde partimos para nos alojar no Abrigo Rebouças (já previamente reservado pela Cláudia), após as formalidades de entrada no PNI. Para aproveitar o dia, partimos do abrigo em direção à trilha Couto x Prateleiras, e após passar pela inte-

Continua na próxima página

Cume do Maromba



ressante “Toca do Índio”, subimos as Prateleiras, retornando pelo caminho normal, que sai na estrada.

Finalmente, no dia seguinte, 3 de agosto, a pièce de resistência, o temível Pico do Maromba. Partimos Berardi, Cláudia Bessa, Lúcia Maciel, Daniel Rodrigues e eu por volta da 8 horas. Partir do Abrigo Rebouças pro-

porcionou-nos uma redução de tempo total de 3 a 4 horas em relação à outra vez em que partimos do Alsene. Eu estava bem e a Cláudia estava animadíssima para fazer um cume também inédito para ela e assim, pouco depois das 13 horas atingimos o almejado cume. O Pico do Maromba não faz parte das trilhas oficiais do parque, por isso

pedimos autorização para ir até o Rancho Caído. Apesar disso, o pico conta com um livro de cume e é regularmente frequentado. Ficamos cerca de meia hora lanchando, fotografando e apreciando a vista do cume e então retornamos ao abrigo. Chegamos ao abrigo por volta das 19 horas, tendo pegado uma meia hora de chuva por-



Cachoeira dos Cinco Lagos

que o tempo fechou (o Berardi chegou um pouco mais tarde, devido à sua dificuldade de descer pelo problema no joelho, em companhia da Cláudia). O dia 4 de agosto amanheceu chuvoso, então decidimos caminhar até o Mirante da Torre, próximo do Posto Marcão, por incrível que pareça ainda inédito para mim.

No sábado 5 de agosto fizemos o belo Circuito dos Cinco Lagos, com direito à subida à Pedra do Altar, acompanhados do Marcos D'ngelo, que apareceu por lá.

Domingo amanheceu gelado, os carros congelados, as poças d'água congeladas, mas o céu azul e o sol brilhando. Eu

fui para o Rio de Janeiro para o aniversário de 60 anos a minha prima, enquanto os demais, antes de retornarem ao Rio, ainda foram subir a Pedra Furada.

Pronto, o elo que me faltava foi conseguido e eu fechei a corrente de 16 cumes.

Sinezio é guia do CEB

Cume do Maromba

CHAPADA DIAMANTINA

CAMINHANDO DE

IGATU A LENÇÓIS



10

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO



O convite para ir à Chapada Diamantina veio meio sem querer pelo meu amigo Ciancio. Tenho certeza que passou na cabeça dele em algum momento, certamente na minha também, de “será que ela vai aguentar?!”. Mas, convite feito, eu aceitei. Ele me conhece, se falo sim é sim!

Catia Valdman



Vista da Rampa do Caim

Quem coordenou a viagem foi nosso mais novo guia do CEB, nge-lo Vimeney. Quem já teve a oportunidade e felicidade de viajar com ele sabe que ele é planejado até o último passo a ser dado na trilha. O que até então ninguém sabia era que eu também gosto de uma tabela e tratei de dar a minha cara à informação que ele passava, principalmente quanto à quilometragem e a altitude acumulada diária (Tabela 1). Preparei com detalhes o peso da minha mochila, tentando otimizar o peso nas gramas que estava levando, como pode ser visto na Tabela 2. Fiz isso com um mês de antecedência. Sabendo que eu era a mais fraca do grupo, consegui barganhar não levar barraca nem gás para o fogareiro – ufa! Porém, qual não foi minha surpresa quando literalmente na noite anterior, descobri que teria que levar tudo sozinha!! 2,5kg a mais na minha bagagem da noite pro dia... No final, minha mochila estava pesando quase 18kg (aprendi que mesmo usando a informação da embalagem de peso, tem um erro de pelo menos 10% no peso final). O grupo ficou sendo então nge-lo, Cíancio, Fitarelli, Joel, Ramon, Leo e Catia (eu!).

Começamos a trilha em Iगतu, mais precisamente no abrigo Xique Xique. No começo da trilha passamos por muitas casas de pedra abandonadas da época do diamante; bem impressionante pensar que esta tinha sido uma cidade movimentada, por onde passava muito dinheiro – agora quase abandonada. Nosso primeiro ponto de vista aberta foi na Rampa do Caim, onde conseguimos visualizar o Vale do Pati e o Rio Paraguaçu, por onde teríamos que andar até dobrar a curva e perder de vista nosso caminho. Chegamos lá todos animados, empolgados com a caminhada que estava por vir. Essa empolgação foi diminuindo quando descemos de uma vez até o Rio Paraguaçu, descendo 500m em 1,5km, uma descida que achamos bem severa – mal sabíamos o que estava por vir. Mas



Casa abandonada em Iगतu



Trepa-pedras
ao longo do Rio
Paraguaçu

nada que um banho de rio maravilhoso não cure, renovando a energia para irmos andando de novo!

Desde que chegamos neste rio começou nosso trepa-pedra. Andar sobre as pedras de um rio com uma mochila de 18kg não é moleza não. Seu ponto de equilíbrio muda, o bastão de caminhada não é tão eficiente e se cair, água! Por outro lado, cansou e quer fazer uma parada, está também ali ao lado a água maravilhosa para refrescar. Outro problema de andar pelo rio é que se acaba fazendo muito zigzague pulando de pedra em pedra, não andando em linha reta. Conclusão: depois de vários “faltam só 2km para chegar à Toca do Guariba”, resolvemos parar e bivacar ali mesmo, ao lado do rio na pedra que achamos a mais confortável sem chegar ao ponto predeterminado para a primeira noite. Não preciso dizer que isso abalou todo mundo, pensando que se o primeiro dia foi assim, imagine os outros! Esta imprecisão do GPS também nos fez perder um pouco a confiança no que estávamos lendo, mas, enfim, andai-vos!

Começamos no dia seguinte nossa caminhada novamente rio



acima, passando na Toca do Guariba depois de duas horas de caminhada. Nossa energia e otimismo foram totalmente recuperados quando encontramos a casa do Seu Joia, ponto já esperado. Dona Leu nos recebeu com sua humildade e simpatia que não tem mais fim, nos fez um suco de maracujá no liquidificador a manivela e nos deu bananas que nunca foram tão boas quanto aquelas! Foi incrível mesmo. De lá o caminho de pedras nos deu um pouco de descanso, como caminhar na terra é mais fácil! Ainda tivemos uma parada maravilhosa no Poço da Ave antes de chegar

ao local do nosso acampamento na Prefeitura. Alívio para todos saber que recuperamos o tempo perdido do primeiro dia! Um dos membros da equipe teve sua bota danificada logo no primeiro dia (este primeiro dia foi fatídico!); três cabeças pensantes juntas conseguiram dar um jeito MacGyver na bota memorável também – usando canivete, cordelete e silver tape.

O terceiro dia que achávamos ser o mais difícil passou numa boa. Nesse dia começamos passando pela linda Cachoeira do Calixto até chegarmos ao Vale do Pati, onde andamos pelo típico cerrado bra-

TABELA 1

Quilometragem e altitude de deslocamento prevista			
Dia 1:	↑ 0m	↓ 450m	15Km
Dia 2:	↑ 520m	↓ 290m	10Km
Dia 3:	↑ 1300m	↓ 1200m	20Km
Dia 4:	↑ 870m	↓ 1100m	12Km
Dia 5:	↑ 550m	↓ 470m	10Km
Dia 6:	↑ 990m	↓ 675m	12Km
Total	↑ 4230m	↓ 4185m	85Km


TABELA 2

Peso neto dos itens da minha mochila				
	Peso (g)	Quantidade (e)	Total (g)	15215
Cappuccino	14	10	140	Café da manhã e lanche: 1905g
Aveia	40	6	240	
Frutas secas	400	1	400	
Castanhas	400	1	400	
Barra de proteína	45	6	270	
Granola	200	1	200	
Bala mel e própolis	55	1	55	
Pão pita	50	0	0	
Queijo parmesão	50	4	200	
Strogonoff	250	1	250	Jantar: 1020g
Risotto	150	1	150	
Strogonoff	250	1	250	
Purê de batata doce	120	1	120	
Mais um jantar	250	1	250	
Água	2000	1	2000	H ² O
Saco de dormir	1160	1	1160	Coisas: 10290g
Isolante	730	1	730	
Mochilão	3000	1	3000	
Fogareiro	200	1	200	
Panelas + cozinha	500	1	500	
Kit 1os socorros	500	1	500	
Barraca	2000	1	2000	
Sapato keen	400	1	400	
Toalha + higiene	300	1	300	
Roupa	1500	1	1500	

sileiro e cartão postal da Chapada Diamantina, vendo um cenário que lembrava filme de ação. Terminamos esse dia no Bomba, onde tomamos feliz uma cerveja esperando nosso resgate até a cidadela de Vale do Capão. Lá na cidade também tivemos a oportunidade de não comer liofilizados por uma noite, trocando-os pela deliciosa pizza do Tômas. Nosso amigo felizmente teve sua bota colada na cidade e pôde continuar a aventura dos três dias finais conosco.

Nosso ponto alto do quarto dia era fazer a Cachoeira da Fumaça por cima. Chegamos lá já bem mais confiantes do nosso desempenho e êxito na travessia. A segunda cachoeira mais alta do Brasil faz jus ao nome: conseguimos ver apenas uns respingos e uma nuvem no ar. Ficamos contemplando novamente aquela vista maravilhosa e alguns (quase todos!) deitaram na pedra para ver o lago lá embaixo criado pelos respingos da cachoeira. Descemos novamente um grande desnível (600m) e acampamos na Toca do Macaco.

Deixamos nossas mochilas na Toca do Macaco, onde fomos então ver a Cachoeira da Fumaça por baixo no nosso penúltimo dia. Vimos que aquele lago não era tão pequeno assim. E que altura! Não dá pra ver pessoas lá em cima. Até pedimos para jogarem um pastel de palma de lá de cima, mas nin-

Continua na próxima página

TABELA 3

Dados finais da nossa trilha, tecnicamente ajustados, avaliados e carimbados!				
Dia Trilha	Dist. (Km)	Tempo (h:min)	G.E.A. (m)	P.E.A. (m)
1- Igatu – Rio Pati	12,8	10:35	564	812
2- Rio Pati – Prefeitura	12,3	08:10	785	544
3- Prefeitura – Bomba Capão – Fumaça (cima)	19,4 6,4	08:40 02:20	1107 504	956 122
4- Visitação na Fumaça Fumaça (cima) – T. Macaco Fumaça (baixo)	1 4,5 6,8	01:15 03:50 04:40	150 144 315	150 734 315
5- T. Macaco – Palmital Cachoeira do Palmital	3 0,5	02:45 00:50	209 23	172 23
6- Palmital – Lençóis Total	10,8 77,5	05:40 48:45	515 4316	820 4648

G.E.A. = ganho de elevação acumulado
P.E.A. = perda de elevação acumulada

guém ouviu... Voltamos à Toca do Macaco e fomos em direção à Cachoeira da Capivara. Outra incrível cachoeira, onde a formação das pedras, uma em cima da outra, foi digna de deixar o biólogo do grupo de boca aberta.

Nossa última noite foi em Palmital. Para coroar nossa travessia, a mãe natureza resolveu jogar água a noite inteira sobre nós! Ela foi muito boa com a gente em fazer chover apenas na última noite! Foi só para dar aquela emoção final do último dia! Saímos todos ensopados do acampamento sem demora, pois achávamos que a caminhada ainda poderia ser longa. Qual não foi nossa surpresa de, depois de apenas 3h de caminhada, vermos a cidade de Lençóis lá no horizonte. Chegamos ainda no início da tarde à cidade, onde pudemos descansar e, claro, ter um bom jantar com cerveja para fechar!

*As botas remendadas*



Caminhando pela pedras no leito do Rio Paraguaçu



Vale do Pati

Acabou? Quase! Nosso último imprevisto: o avião que nos levaria de Lençóis a Salvador não pousou no aeroporto de Lençóis devido ao mau tempo! Voltamos de van, disponibilizado pela Azul. Tivemos que remarcar nosso voo ao Rio... Mas, como bons trilhei-

ros, essa foi apenas mais uma história para contar!

Os dados técnicos deste artigo foram todos coletados pelo nosso excelente guia ngelo. Para quem quiser saber mais detalhes técnicos da trilha e outras coisas, sugiro entrarem no site Longo Curso

(www.longocurso.com.br), onde o ngelo fez um minucioso relato da viagem, como essa última tabela que mostro (claro!) (Tabela 3).

*Catia Valdman é sócia do CEB
As fotos são da autoria de vários
participantes da excursão*

O DESERTO DE



16
CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO

O grupo na Laguna Chaxa
Em pé: Fernando Magalhães, Celestê, Antônio Dias,
Antônio Carlos Lima, Sonia Bugim, Tereza da Rocha,
Luciano, Sandro, Bárbara, Lúcia Rodrigues, Andreza,
Enzo, Ivan. Agachados: Fabrizio, Christiane, Yvana,
Martinus e Marcos Bugarin

ATACAMA

E O SALAR DE UYUNI

TEXTO E FOTOS DE
MARTINUS VAN BEECK

17

Diário
de uma
excursão
a outro
planeta

Continua na próxima página



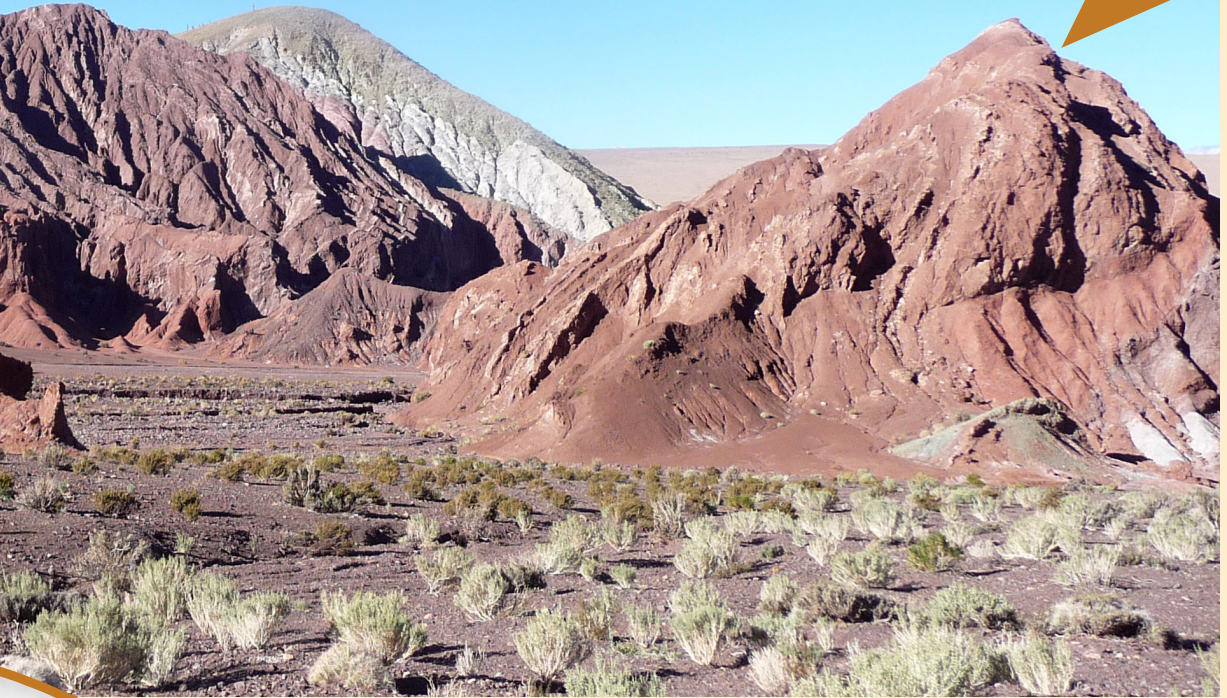
O Deserto de Atacama fica no norte do Chile, numa área espremida entre o Oceano Pacífico e a Cordilheira dos Andes. No Pacífico as águas frias da corrente marinha de Humboldt se chocam com correntes de água quente, o que provoca condensação e nuvens, que se descarregam ainda sobre o oceano. Quando os ventos chegam ao continente, já não carregam mais nuvens. No outro lado, a Cordilheira dos Andes, onde se encontram, entre muitos outros, os vulcões Ojos del Salado e Monte Pissis (resp. 6893 e 6793m, pouco abaixo do Aconcágua), impede a chegada do ar úmido da região amazônica. Conseqüentemente, o Deserto de Atacama tornou-se a região mais árida da Terra e, segundo a NASA, a região que mais se assemelha à superfície de Marte. A base para explorá-lo é San Pedro de Atacama, um vilarejo poeirento a cerca de 100km do aeroporto de Calama. No dia 8 de julho, uma caravana de 19 ceebenses chegou aqui, para uma excursão de 14 dias extraterrestres.



Os gêiseres de El Tatio



O vale do Arco-íris



8 de julho

Rio de Janeiro x San Pedro de Atacama

Viajo do Rio de Janeiro a Santiago, invejado pelos 18 colegas: sentado na poltrona 1A do Airbus A320, com Julie ao meu lado. Faço fotos impressionantes da Cordilheira dos Andes. No aeroporto de Santiago só confusão: fila para compra de pesos chilenos, cálculos complicados pra converter pesos chilenos em reais ('tira dois zeros e divide por dois!'), fila para o controle de passaporte, fila para o controle da bagagem, a Lúcia com cartão de embarque do Luciano, a Bárbara quase barada no check-in para Calama. Às 20h31min chegamos ao aeroporto de Calama, onde o guia Yasu, por algum engano, está nos esperando há mais de 4 horas - sem perder o bom humor. Uma viagem de pouco mais de uma hora nos leva a um churrasco de boas-vindas, ao ar livre. Apertamo-nos a uma mesa enorme, protegendo-nos do frio e saboreando carnes macias e linguiças suculentas. Já passa das 23h quando damos entrada no Hostel Elim, em San Pedro de Atacama.

9 de julho

Salar de Talar e a Laguna Chaxa

Vamos fazer o plano B: o Salar de Talar. O plano A, as Lagunas Miscanti e Miñiques, é inviável porque a estrada de acesso está coberta por neve. Viajamos 160km por um asfalto liso sem trânsito - afinal de contas, estamos num deserto -, passando por paisagens brancas-de-neve. Em algum momento cruzamos o trópico de Capricórnio - estamos no mesmo paralelo de Ubatuba, embora numa paisagem totalmente diferente. Visitamos a igreja de Socaire, um povoado de 150 habitantes. O Salar de Talar é uma extensa combinação de cores que vão do vermelho do solo, o branco brilhante do sal e do gelo, ao azul do céu. Os guias têm pressa para voltar, com medo de a neve derretida nas estradas congelar novamente - o que tornaria a nossa volta inviável. Na volta tiramos a foto oficial da excursão na Laguna Chaxa, onde contemplamos alguns elegantes flamingos cor de rosa.

10 de julho

Vales Purilacta e Arco-íris

Às 11h, depois de um traslado, começa o trekking de quatro dias. Paisagens amplas e áridas, com o Licancabur, uma pirâmide perfeita com 5916m de altitude, nos aliciando no horizonte. Não há árvores, nem arbustos, muito menos flores; apenas 'poltronas de sogra', um cacto rasteiro, que a Celeste não se cansa de fotografar. Depois de duas horas chegamos ao Vale de Purilacta, com gravuras rupestres da época pré-inca, há mais de 2000 anos. Uma delas, enorme, ocupando um paredão, mostra uma llama com filhote na barriga. Mais duas horas e passamos pelo Vale do Arco-íris, com as suas rochas vermelha-verde-brancas. Chegamos ao acampamento, um lugar protegido do vento, na região de Rio Grande. Na barraca 'comedor' nos esperam litros de pisco-sour e vinho carmenère. O grupo se divide entre a ala Atacama-Fashion-Week, com a top Christiane, e a Baixa-Atacama. Começa o concurso de piadas, estrelado por Antônio, Sandro, Luciano e – surpresa – Fabrizio. Fernando tenta ser juiz, mas não consegue se impor.

11 de julho

Rio Grande x Machuca

Levantamos acampamento às 8h. Depois de um traslado de meia hora começa a caminhada de 15km, a uma altitude de 4000m, acompanhando o Rio Grande, com sua vegetação de rabo de raposa. Por volta do meio dia passamos pelo passo de San Juan, marcado por cactos gigantes. Almoçamos num casebre abandonado, sem teto, tipo abrigo Massena, só que bem menor. Continuamos em ritmo lento; alguns estão sentindo o efeito da altitude. Hoje é o dia mais cansativo, com menos atrativos. No escuro e com frio chegamos às 19h a Machuca, de onde as vans nos levam a um acampamento numa terra de ninguém, 800 metros mais abaixo. Vejo a lua cheia nascer. Continua o festival de piadas; hoje até o Fernando participa.



As termas de Puritama

12 de julho

Vale de Guatin e as termas de Puritama

Até agora o mal de altitude ficou limitado a um participante trocar o sapato direito pelo esquerdo, outros dois procurarem desesperadamente as suas mochilas que estavam carregando nas costas e um guia com quarenta anos de experiência estar no escuro sem lanterna.

Passamos pelo vale de Guatin: uma trilha repleta de sobedescos sobre pedras, rodeada por cactos gigantescos e rochas avermelhadas, passando pelos cânions do Rio Grande, cada vez mais altos e estreitos, cada vez mais cheios de rabo de raposa. Por volta de 13h chegamos à grande atração do dia: as termas de Puritama. São nove piscinas naturais, conectadas por passarelas de madeira. Depois de dois dias de toalhinhas umedecidas, tomo vários banhos debaixo de cascatas de água incrivelmente limpas e quentinhas: uma delícia extraterrestre!

Almoçamos junto aos vestiários das termas. As vans nos levam pelo povoado de Machuca e pelo Vado de Putana, um rio parcialmente congelado, margeado por um vulcão e sobrevoado por elegantes gaivotas andinas. Um espetáculo. Depois de uma parada, uma das vans sofre uma pane elétrica. Nem Bugarin, nosso engenheiro mecânico, dá jeito. Todos se apertam na outra van e às 18h chegamos ao acampamento, a 100 metros da entrada do parque de El Tatio. Armamos as barracas no meio de placas de neve congelada.



13 de julho

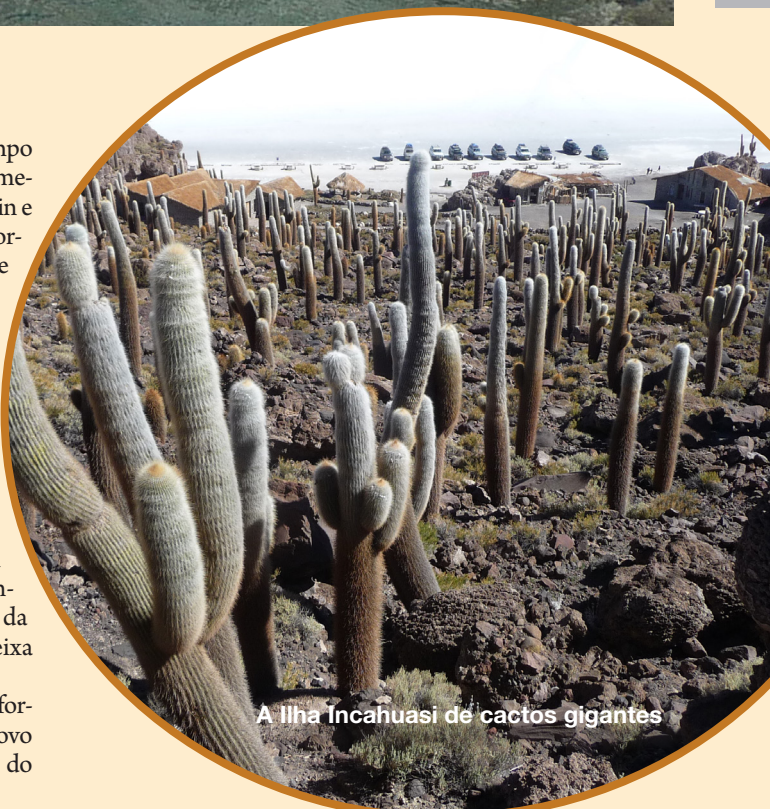
Os gêiseres de El Tatio

Esta noite quebro um recorde pessoal: acampo num frio de 15 graus negativos. Não pretendo melhorar esta marca tão cedo... Acordo às 6h30min e vejo dezenas de ônibus e vans chegando aos portões do Parque. Todos saíram de madrugada de San Pedro de Atacama; só o CEB tem a ideia de ficar acampando...

Vamos caminhando na direção dos famosos gêiseres. O sol vai surgindo, iluminando os vapores que brotam do solo coberto por gelo. São dezenas de poços de água fervendo, soltando um cheiro de enxofre. Um cenário diferente de tudo que já vi, extraterrestre.

Por volta das 10h retornamos ao acampamento. As vans nos levam de volta a San Pedro de Atacama. Almoçamos no restaurante Sol Inti, onde tomo um delicioso chope da Heineken, que o Antônio Carlos não me deixa pagar.

De tarde visitamos Pukará de Quitor, uma fortaleza construída há mais de 700 anos pelo povo atacamenho para defender as águas escassas do rio San Pedro contra invasores.



A Ilha Incahuasi de cactos gigantes

14 de julho

Cerro Toco

Outra vez vamos fazer o plano B: o Cerro Toco. A estrada de acesso ao vulcão Lascar, o plano A, está interdada por causa da neve. Outra vez quebro um recorde pessoal: 5604 metros de altitude. Outro recorde que não pretendo melhorar tão cedo...

Tomamos café no deserto, junto a uma estrada com uma fila quilométrica de caminhões que estão esperando a estrada abrir, o que acontece pouco depois das 8h. As vans nos levam a uma altitude de 5200m. Às 10h começa a caminhada. A rocha em algumas partes é coberta por neve. Às vezes a perna afunda até o joelho. A neve é seca, menos mal. O vento, que de acordo com os guias normalmente surge só depois de meio dia, já está castigando, abaixando sensivelmente a sensação térmica. Às 12h30min descansamos, nos preparando para o último ataque. Cinco tomam a sábia decisão de retornar à base. Sinto um pouco de tonteira; meu camelbag está congelado. Mas decido continuar, afinal, só o cume interessa... Chego ao cume junto com mais onze, solto gritos eufóricos, vejo o Licancabur –sempre ele - ao fundo, mas estou sem força para tirar fotos. Meio atordoado poso para a foto de grupo. Desco, nem sei direito como. Volto ao lugar de descanso, tremendo, sem conseguir falar direito, apenas balbuciando a palavra ‘hipotermia’. Os guias Yasu e Carlos me aplicam oxigênio, Fernando me aquece com cobertor de emergência; Ivan e Fabrizio me aplicam massagens nas pernas e no torso, Andreza me passa dois aquecedores de mão, e, com a melhor das intenções, me faz engolir um viagra, Sandro me joga um agasalho nos ombros, Enzo carrega minha mochila, não sei mais quem me socorre. Começa a longa descida, que termina com um abraço emocionado a todos os amigos. Todos juntos somos fortes, somos quentes...



15 de julho

Vale de la Luna

Hoje é maré mansa: de manhã fazemos o passeio mais badalado de San Pedro de Atacama: o Vale de la Luna, assim chamado por causa da paisagem marciana, com as suas dunas, anfiteatros arenosos, cavernas e grutas. A tarde é livre para compras e trocar dólares por bolivianos.

16 de julho

Lagunas Blanca e Verde, o deserto de Dali e os gêiseres do Sol da Manhã.

O dia começa com uma fila de duas horas para sair do Chile. Andamos meia hora por uma terra de ninguém, dominada pela imagem do Licancabur - sempre ele. Outra fila, desta vez só de meia hora, e estamos na Bolívia. Trocamos as duas Sprinters da Mercedes por seis Land Cruisers da Toyota, e o asfalto liso do Chile pelo chão irregular da Bolívia. Os guias Yasu e Carlos continuam conosco. Depois do almoço, servido numa quentinha geladinha, os Cruisers nos levam à Laguna Blanca, com suas águas rasas cobertas por gelo, e depois à Laguna Verde, que enfeita os pés do Licancabur. Atravessamos o deserto de Dali, que faz por merecer o nome do pintor surrealista, passamos pelas termas de Polques sem coragem para tomar banho e vimos o sol da tarde iluminar os gêiseres do Sol da Manhã.

A grande surpresa do dia é o refúgio de Huayllajara: música sertaneja do Brasil, comandada por um controle remoto, luz giratória e uma mesa de pingue-pongue, onde a Andreza se consagra campeã. O baile, comandado pela dupla Ivan e Yvana, termina altas horas da noite.



17 de julho

Laguna Colorada, Arbol de Piedra, as Lagunas Honda e Hedionda

Logo cedo visitamos a Laguna Colorada, com suas águas de cor incrivelmente vermelha, oriunda de algas. Nas suas margens pastam llamas igualmente coloridas. Atravessamos o deserto de Siloli e chegamos a um conjunto de formações rochosas enormes, lapidadas pelos ventos. A peça mais badalada é a Arbol de Piedra. Segue a viagem no meio do deserto; a única referência para os motoristas são as montanhas no horizonte. A certa hora o caminho acaba em neve, temos que fazer um desvio. Chegamos às águas cristalinas de azul claro da Laguna Honda e logo depois à surreal Laguna Hedionda, refletindo uma montanha nevada no seu espelho e, coisa incrível, abrigando centenas de flamingos cor de rosa buscando comida nas suas águas rasas iluminadas pelo sol da tarde. Um espetáculo inigualável.

Hoje andamos 220 km. Pernoitamos no refúgio de San Juan, onde o piso dos quartos é de sal. A Sonia, com bem dosada insistência, consegue um quatro matrimonial com piso de cerâmica.

O pôr do sol no Salar de Uyuni



18 de julho

Salar de Uyuni

Nossos Cruisers cruzam os 80 quilômetros do Sul ao Norte do maior deserto de sal do mundo: o Salar de Uyuni. A distância Oeste-Leste é de 180km. A superfície é de 12.000 km², a altitude é de 3.600m. Milhares de anos atrás existiam nesta região lagos cujas águas foram se evaporando e se transformando na paisagem incrível de hoje: um mar sem ondas, perfeitamente liso, branco, aparentemente congelado, que se estende até onde a visão alcança. Neste mar há 36 ilhas; visitamos a mais famosa: Incahuasi, quéchua para 'a Casa dos Incas': uma ilha coberta por cactos gigantes, muitos em forma de vela, outros parecendo tridentes enormes ou imitando mãos colossais com quatro, cinco, seis dedos cobertos de verrugas espinhentas. Outro espetáculo inigualável. É servido um almoço com carne da llama dura. Limpo os dentes com palitos fornecidos pelos cactos.

Pouco antes das 16h chegamos a Jirira, um povoado que vive da criação de llamas e do cultivo de quinoa. A gente se instala num confortável refúgio com paredes de tijolos de sal. Uma hora depois os Cruisers nos levam ao terceiro espetáculo inigualável em dois dias: o pôr do sol no Salar. Os guias montam uma mesinha no meio do deserto de sal, oferecendo pisco-sour, azeitonas e um vinho boliviano – além de papas fritas e coca cola. O sol vai se pondo, iluminando, não apenas o céu, mas também o próprio salar, ressaltando os polígonos desenhados na sua superfície. Nossos corpos lançam sombras surreais rumo ao infinito. Como não podia deixar de ser, a noite termina com samba no salar.

FOTO DE SANDRO MOREIRA



19 de julho

Vulcão Tunupa

Os Cruisers nos levam ao início de trilha do vulcão Tunupa, a 4200m de altitude. As 9h começa a subida; a trilha tem vestígios da época pré-inca e passa por uma paisagem composta de pedras e plantas espinhosas. Olhando para trás penso que estou acima das nuvens. Mas nuvens não há – o que estou vendo é o salar. Por volta de meio dia chegamos ao destino de hoje: um mirante marcado por uma dezena de totens enormes, a 4700m, de onde avistamos o multicolorido e pontiagudo cume do vulcão, a 5400m, – inacessível para simples caminhantes. Depois de um descanso e da inevitável foto do grupo com as bandeiras do CEB e do Brasil, iniciamos a cansativa descida de 1000 metros, até o refúgio de Jirira, onde nos espera um frugal almoço.

Arbol de Piedra





O grupo no
cume do Cerro
Toco; no fundo o
Licancabur



20 de julho

De volta a San Pedro de Atacama

Retornamos a San Pedro de Atacama, uma viagem de 600km. No meio do Salar paramos para uma pequena cerimônia de encerramento da excursão. Fazemos um círculo com os dezenove participantes, os seis motoristas e os dois guias. Faço um pequeno discurso de agradecimento e entrego as merecidas 'propinas'. Ainda na Bolívia, visitamos a Gruta de las Galaxias, um cemitério pré-colonial, um labirinto de formações rochosas que saem do teto com pontas finas. Pouco depois paramos em San Pedro de Quemez onde visitamos Pueblo Quemado, um vilarejo incendiado por tropas chilenas na guerra do Pacífico em 1879.

Junto ao Ollague, um vulcão em constante atividade, passamos pelo rigorosíssimo controle da aduana Chilena. Às 19h retornamos ao Hostel Elim.

21 de julho

De volta à Terra

San Pedro – Calama – Santiago – Rio de Janeiro. Fim de uma excursão a outro planeta, incomparável a todas as excursões que já fiz. Uma experiência incrível, que vai me acompanhar até o fim da vida.

Martins é guia do CEB

BOLÍVIA

*Conquista no
Salar de Uyuni*



DA ROCHA

Quando tomei a decisão de voltar à Bolívia pela quarta vez, era visível a feição de incompreensão de todos aos quais eu compartilhava a informação. “Mas de novo?” muitos me perguntaram. Minha resposta era quase automática: “Já imaginou conhecer as montanhas do Rio de Janeiro em apenas uma viagem?”. Nem precisava me estender ao Brasil como um todo, pois pensando apenas no nosso Estado, já se tem a proporção do quão inexecutável isso seria. E passada a viagem, tenho a certeza de ter tomado a decisão mais acertada possível, afinal, a cada ida por lá, encontro mais e mais montanhas para conhecer.

Pedro Bugim
Fotos de Pedro Bugim e Laura Petroni



*No cume da
Cabeça do Condor*

AO GELO

27

O planejamento foi complexo, pois além de viajar com minha namorada Laura (ainda com pouca experiência em alta montanha), nossos objetivos eram bem distintos, envolvendo escalada em rocha – conquistas, para ser mais exato – e altas montanhas, percorrendo quatro regiões diferentes do país. Com isso, foram mais de 80 quilos de equipamento, mantimentos, roupas e demais “traquitanas”, representando talvez a grande problemática da viagem: embarcar nos aviões com tudo isso, sem ser barrado ou pagar taxa.

Nossa maior preocupação entretanto, era com a aclimação, pois apesar de termos 23 dias para a viagem, nosso cronograma estava relativamente apertado para tantos objetivos. Para nossa grata surpresa, Laura teve uma aclimação meteórica, sem sentir em nenhum momento os sinais mais severos da altitude, como enjoo e dor de cabeça. Talvez por estar mais acostumado a esses ambientes, também me senti forte e sem sinais dos males da altitude, desde o momento que pisamos em La Paz (a chegada já se faz a 4.100m de altitude).

Sem perder tempo, em nosso primeiro dia por lá (dia 23/07), já fomos ao Chacaltaya (5.421m), montanha que antigamente abrigava a estação de esqui mais alta do mundo, mas que foi fechada pela relativa falta de neve. Apesar de haver uma trilha bem simplória de acesso ao cume, optamos por subir pela face Sul, onde existe um grande campo nevado, com inclinação razoável, a fim de testar nossa aclimação e para que eu pudesse passar algumas técnicas de neve e gelo para a Laura. Objetivo atingido com louvor!

Continua na próxima página

Na sequência, saímos de La Paz e rumamos para a região desértica do Uyuni, povoado situado no distrito de Potosi, famoso pelo seu enorme salar (o maior do mundo), em uma viagem de cerca de 10 horas de ônibus. Lá chegando, nossa missão não seria simples... Precisávamos contratar um transporte que nos levasse à Itália Perdida (uma região rochosa no meio do deserto, distante 180 quilômetros da cidade do Uyuni), nos deixasse por lá e nos resgatasse quatro dias depois. Apesar de existirem dezenas de empresas de turismo que fazem o tradicional passeio ao Salar do Uyuni, nenhuma havia até então se deparado com este tipo de demanda, o que causou bastante confusão entre os donos das agências. Por fim, conseguimos um 4x4 ao valor de 1.600,00 bolivianos (cerca de R\$850,00) para a empreitada.

A Itália Perdida está localizada mais ao sul do salar do Uyuni, já fora da sua abrangência, em uma altitude de 4.050m. Em 2014, quando fiz este passeio, tive a sorte de o meu motorista passar por lá, pois não se trata de um ponto tradicional no roteiro turístico. Desde então, vinha fazendo planos para conquistar vias de escalada naquelas incríveis agulhas virgens. E finalmente, três anos depois, este dia chegou!

Nos quatro dias que se passaram, tivemos a felicidade de conquistar 12 vias e uma variante, nos mais diversos estilos, sendo a maioria com proteções móveis e algumas com proteção fixa e mistas, todas com proteções fixas no cume, para rapel / top-ropo. O mais impressionante foi poder pisar em alguns cumes que jamais tiveram a visita de um ser humano. Outro motivo de orgulho foi consolidar o Brasil como responsável pelas primeiras conquistas na região! Alguns poucos turistas, que passavam por lá com seus grupos, ficavam encantados e curiosos com aquele casal de aventureiros, acampados em uma barraquinha no meio do nada, subindo pelas paredes... enquanto que os guias bolivianos, ficaram espantados ao ver uma pessoa

no topo de algumas rochas as quais eles diziam há tantos e tantos anos, serem impossíveis de subir.

Quando voltamos para La Paz, foi curioso ser reconhecido por algumas pessoas nas ruas, as quais nos abordavam para perguntar se não éramos nós que estávamos escalando no deserto do Uyuni! Mas apesar disso, nossa cabeça já estava em transição, do modo “rocha” para o modo “gelo”. Em dois dias já estávamos com os mantimentos renovados e mochilas prontas para a terceira etapa da viagem: o Condoriri.

O Condoriri é uma região montanhosa no meio da Cordilheira Real, com picos mistos (rocha e gelo), ao redor da laguna Chiar Khota, possuindo seu campo base a 4.600m de altitude, de onde é possível atacar os cumes do entorno. Para chegar lá, contratamos um transporte que nos levou até a Rinconada (um povoado minúsculo já próximo ao campo base). Após caminhada de cerca de duas horas, chegamos ao local propício para armarmos nossa barraca e onde as três mulas que contratamos já nos aguardavam com os equipamentos e mantimentos para a semana que passaríamos por lá.

No dia seguinte, começamos os trabalhos atacando o cume do Pico Áustria (5.315m), montanha que apesar de alta, não representa grandes obstáculos técnicos para ser ascendida. Completamos nosso objetivo às 14h30min, após quatro horas e meia de subida. Para descer, levamos cerca de duas horas, tentando manter um passo bem tranquilo e cadenciado, para evitar lesões logo no início.

O terceiro dia por lá seria de descanso... mas eu estava me sentindo tão bem e confiante, que tomei a decisão (após breve consulta à Laura, que me deu seu aval) de tentar em solo o cume do Cabeça de Condor (5.648) – ou Condoriri -, montanha mais emblemática da região, sendo também seu ponto culminante. Acordei a uma hora da madrugada e reparei que apesar do frio congelante (cerca de -15°C), não havia vento,



o que me gerou um alívio tremendo. Arrumei-me com calma, comi um miujo gentilmente preparado pela Laura e iniciei a jornada exatamente às 2h da manhã.

Como se trata de uma montanha técnica, o comum é ter ao menos duas pessoas, que vão encordadas e realizando os procedimentos de segurança nos pontos mais técnicos, verticais e expostos. Como eu não tinha esta possibilidade, cada passo dado, cada lance vencido, representava um forte exercício mental, pois a margem para erros era zero. O trecho final da escalada, anterior à crista do cume, é feito em uma espécie de canaleta/chaminé bem vertical, que no dia estava coberta de gelo duro. Esta parte sem dúvidas foi a mais técnica, ainda mais após as horas de subida por terreno bem vertical, em pedras soltas e glaciares repletos



de gretas assustadoras. Entretanto, o maior desafio foi justamente na parte final, onde uma crista vertical e afiada como uma faca se estende por muitos e muitos metros antes do ponto culminante. A cada lufada de vento, um susto! Mas, passo após passo eu subia lentamente, até que, quando eu menos esperava, a parede de gelo sumiu da minha frente abrindo espaço para uma vista magnífica, indicando que não havia mais o que subir. Eu estava no cume!

A descida foi um pouco mais aterradorante que a subida em alguns pontos, mas para a minha felicidade, havia uma chapeleta fixada no topo da chaminé congelada, permitindo a descida por rapel (eu havia levado uma corda de 60m / 8mm na mochila) neste ponto mais vertical. Em um ponto mais abaixo, também com grande verticalidade, abandonei

um cordelete no gelo (fazendo uma ponte de gelo) para mais um rapel, rezando para aquilo aguentar o meu peso. Poucas horas depois o terreno foi ficando mais amigável, com menos gretas e menor verticalidade... e em pouco tempo, exatamente às 11h:20min da manhã, após 9 horas e meia de ralação, eu chegava de volta à barraca, sendo recebido carinhosamente pela Laura. Não poderia estar mais feliz!

E nosso quarto dia por lá foi tão intenso quanto o terceiro. Novamente, acordamos de madrugada e saímos às 2h para mais um dia de aventuras. Nosso objetivo era o Pico Tarija (5.320m), montanha iniciada por uma caminhada de 3 quilômetros em solo firme, evoluindo para um glaciar gigantesco até quase seu cume. Mais uma vez tivemos o privilégio de subir em um dia lindo,

sem nuvens e pouco vento, apesar da temperatura baixa. Laura vinha sempre em um ritmo tranquilo, sem correria, o que nos permitia prosseguir por horas sem parar. Além das enormes gretas que são atravessadas, houve também um ponto mais complexo, já chegando ao cume, onde a crista fica mais vertical e afinada. Após alguns momentos de grande esforço para vencer esta parte, Laura se juntava a mim neste cume magnífico, às 7h:35min da manhã!

Ainda juntei forças para desescalar um longo trecho de rochas (cerca de 80 metros) para atingir o colo entre o Tarija e o Pequeno Alpamayo (5.420m), montanha situada à frente do Tarija, para em seguida, subi-la por sua crista sudoeste. Trata-se de uma crista nevada com cerca de 50° de inclinação, possuindo dois lances mais técnicos. Mais uma vez me

concentrei ao máximo para não cometer erros, chegando às 8h:40min naquele cume incrível!

A descida foi rápida, mas não tão tranquila, pois além do cansaço pelo esforço, o calor infernal nos fazia sofrer em dobro. De todo modo, estávamos em êxtase, por alcançar todos os objetivos que almejávamos. Os dois dias seguintes foram de descanso, no próprio campo base do Condoriri, com direito a pequenas caminhadas e até mesmo uma tentativa de mergulho na laguna. Que frio!

Para fechar a viagem, ainda fomos à região do Sajama, no distrito de Oruro, onde se localiza a montanha mais alta do país, homônima à região, com 6.548m de altitude, a qual eu já havia subido em 2013. Em 2014, voltei à região para subir os vulcões gêmeos Pomerape (6.282m) e Parinacota (6.348m). Desta vez, decidimos voltar para atacar outra montanha clássica da localidade, também acima dos 6 mil metros: o Acotango (6.054m), tida como uma das mais simples da região acima desta altitude. Trata-se de um vulcão extinto, possuindo dois vizinhos (Capurata – 6.014m e Guallatiri – 6.071m, este ainda ativo) tão impressionantes quanto o próprio Acotango.

Mas o que parecia ser um final tranquilo de viagem, se mostrou um verdadeiro tormento. A começar pelo transporte que contratamos, pois às vésperas de nossa subida, por volta das 20h:30min, fomos informados que o motorista não poderia nos levar! Banho de água fria. Passamos mais um dia no Sajama, quando aproveitamos para caminhar e conhecer os gêiseres e banhos termais da região. Decisão totalmente errada, que nos custou uma caminhada de 20 quilômetros pelo deserto, a mais de 4.500m de altitude, consumindo energias que seriam extremamente necessárias depois...

Finalmente, em nosso terceiro dia, conseguimos rumar para a montanha. Mas mais uma vez nosso transporte nos decepcionou, atrasando muito, nos deixando “na

entrada” da trilha apenas por volta das 4h:30min da manhã, enquanto que o horário que prevíamos seria ao menos uma hora e meia antes. E sim... “na entrada” com aspas, pois a motorista, com medo de subir mais, ou por simplesmente não conhecer o local, nos deixou a nada mais nada menos que uma hora e meia de distância da verdadeira entrada. Por sorte, cruzamos com outro grupo subindo de carro, que nos sinalizou o ponto exato do início.

Nosso cenário era este: início da trilha, a 5.500m de altitude, com atraso de 4 horas, às 7h da manhã, sem conhecer o trajeto até o cume, com um vento infernal, cerca de -20°C, já tendo caminhado mais de duas horas e meia e subido 250 metros verticais. Mesmo assim, juntamos forças e começamos nossa longa jornada.

Deste ponto em diante, o caminho em si é relativamente tranquilo, com alguns trechos de subidas fortes, mas sem lances técnicos. Em algumas partes, há queda de rochas e grandes precipícios nas laterais, o que pode conferir aos montanhistas uma queda fatal em caso de qualquer falha. Exaustos por todo esforço feito antes, eu e Laura íamos nos arrastando lentamente em direção ao cume, seguindo sempre a antiga borda do vulcão, por sua aresta sudoeste. Na parte final, encontramos alguma dificuldade na verticalidade e como não levamos corda ou piolets, optamos por traçar uma rota um pouco mais extensa, contornando o cume pela direita, em um exaustivo trabalho de criação de degraus, cavando com os pés. Foi então que, finalmente, às 13 horas ficamos nossos crampons no ponto culminante da montanha!

Ficamos muito pouco tempo no cume, apenas o suficiente para algumas fotos e filmagens. Optamos por descer pela aresta Leste, por aparentemente ser um caminho mais curto, embora mais técnico. Péssima escolha. Os primeiros metros de fato foram bem tranquilos, nos quais ga-



nhamos um tempo precioso. Mas conforme íamos descendo, fomos nos deparando com campos infundáveis de penitentes (agulhas de gelo formadas no solo pela ação do vento), o que tornava nosso progresso lento e penoso. Além disso, o terreno começou a ganhar verticalidade, nos obrigando a desescalar porções de gelo duro, técnico, sem o artifício de cordas e piolets, tudo isso com um abismo de 700 metros aos nossos pés. Além de físico e técnico, este trecho se mostrou sobretudo psicológico, exigindo concentração e calma, por horas a fio, até enfim chegarmos ao fundo do vale. Deste ponto em diante, nos “arrastamos” por mais cerca de meia hora até chegarmos às 17h ao local onde o veículo que contratamos nos aguardava. E como nem tudo são flores, para piorar nossa situação, o carro apresentou problemas mecânicos, nos



*Chegando ao
cume do Acotango*



*Pedro e Laura no
Cume do Acotango*

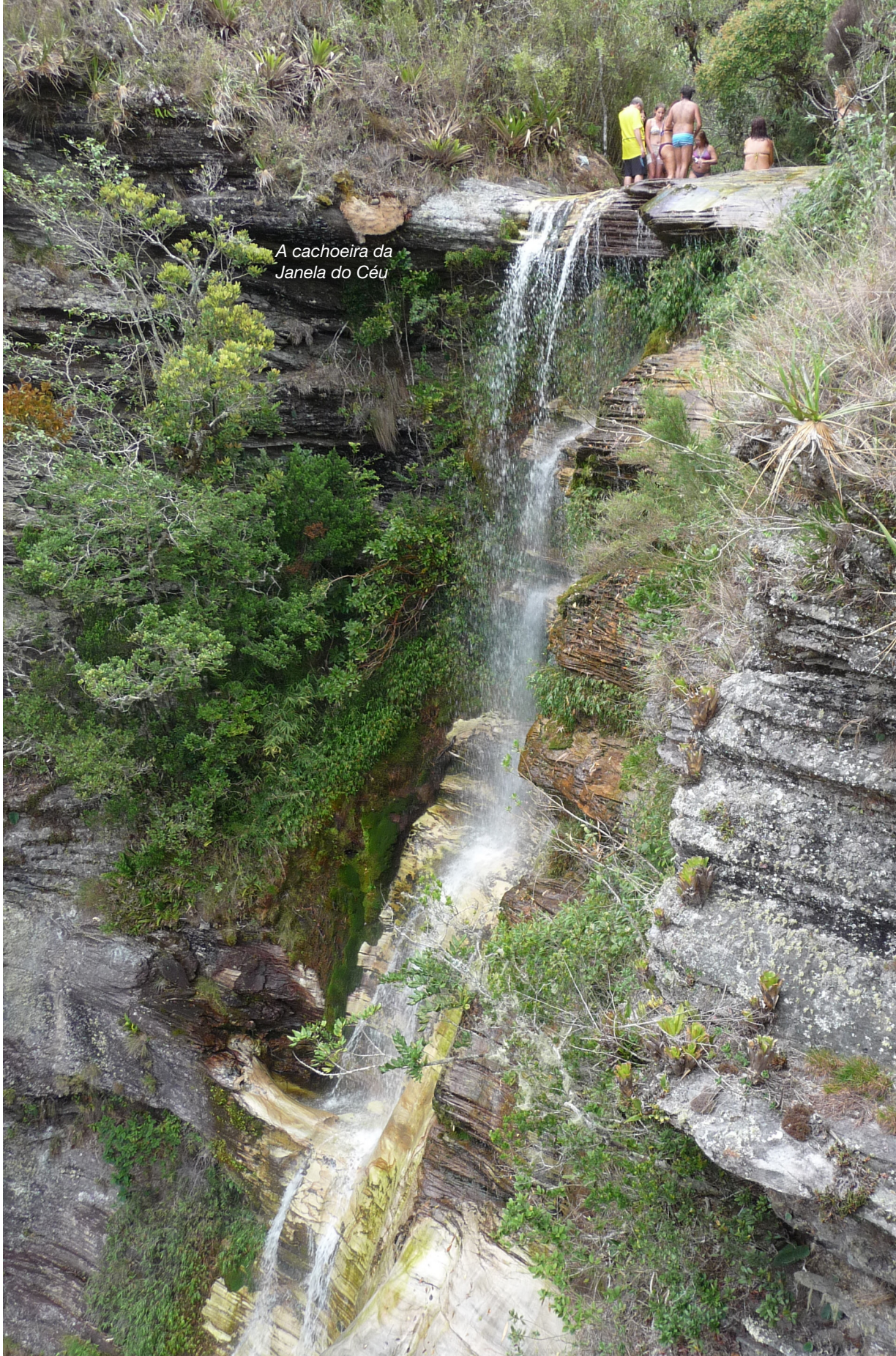
deixando presos no meio do nada até as 20h, quando finalmente conseguimos um resgate. Saldo do dia: 18 horas de atividade (13 delas na montanha), mais um cume de 6 mil metros no currículo e dois corpos completamente moídos!

Os três dias seguintes que ainda tínhamos na Bolívia foram motivo de dúvida... tentaríamos mais alguma montanha? Mas no fim, nos rendemos aos prazeres turísticos mais comuns: boa comida, cerveja e muito descanso! Aproveito para parabenizar a Laura, que superou todas as expectativas e logrou êxito em todos os cumes que tentamos juntos, além de ter sido uma companheira perfeita!

E que venha a próxima viagem à Bolívia!

Pedro Bugim, além de guia do CEB, é presidente da FEMERJ.

*A cachoeira da
Janela do Céu*



A JANELA DO CÉU É LOGO ALI

FOTO MARTINUS



33

No final do 2º dia no Parque de Ibitipoca

Andrea Cardoso

Mochilas e alforjes prontos, o grupo de 54 pessoas embarcou rumo ao Parque Estadual do Ibitipoca. Uma viagem pelo parque florestal localizado no município de Lima Duarte, em Minas Gerais, recheado de belezas naturais, como cachoeiras, trilhas e grutas. Era o feriado de Zumbi dos Palmares em terras cariocas e nada melhor que aproveitá-lo em Ibitipoca, que na língua tupi significa "casa de pedra", por conta das inúmeras grutas que um dia tiveram os índios como moradores.

Continua na próxima página

A JANELA DO CÉU É LOGO ALI

FOTO MARTINUS



Na despedida da Estação Andorinhas

Com muita disposição na bagagem lá foram os aventureiros, e por que não dizer desbravadores? Sim, uma vez que muitos estavam percorrendo terras desconhecidas. O grupo foi dividido em dois. Enquanto um conhecia o local chamado Janela do Céu, o outro visitava o Circuito das Águas, com a Cachoeira dos Macacos, e o Pico do Pião. No dia seguinte, invertiram o roteiro para que todos pudessem aproveitar as belas paisagens do parque.

O destaque ficou por conta da trilha da Janela do Céu. Para chegar até ela, uma caminhada de ida e volta totaliza 16 km. É, sem dúvida, uma boa caminhada e inesquecível passeio, até porque as trilhas são muito bem sinalizadas e com total segurança para os excursionistas.

No caminho à Janela do Céu estão o Cruzeiro, a Gruta da Cruz, o Pico da Lombada, a Gruta dos Três Arcos, a Gruta dos Fugitivos,

a Gruta dos Moreiras, a Cachoeirinha, o Mirante e o Rio Vermelho. É claro, depois de algumas horas de andanças, um banho nas águas cristalinas não podia faltar.

O Pico da Lombada é o ponto mais alto do parque (cerca de 1.800 metros em relação ao nível do mar). Dele, é possível ter visão de 360 graus do horizonte, já que nenhuma montanha faz barreira. Um espetáculo! Um presente da natureza para quem gosta de experimentar novos ares.

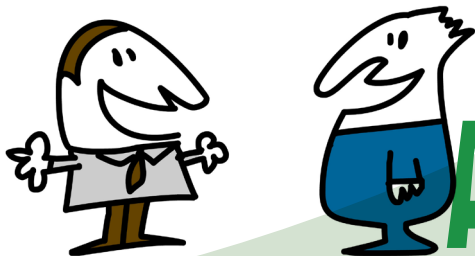
No caminho até chegar ao Pico do Pião, um percurso de aproximadamente 11 km de ida e volta, nossos destemidos aventureiros conheceram as grutas do Monjolinho, do Pião, dos Viajantes, o Pico do Pião e as Ruínas da Capela, sempre ciceroneados pelos impávidos guias do CEB, Martinus, Jorge Campos, Antônio Carlos Wally Borja e Rodrigo Teixeira.

É claro que nem tudo foi terra e caminhada. A turma teve direito a

momentos de comilança e confraternização ao fim de cada um dos três dias que passaram em Ibitipoca, para brindar as conquistas.

O parque pertence ao distrito de Conceição do Ibitipoca, uma aconchegante cidade com seus hotéis, pousadas e chalés que abrigam viajantes desejosos de momentos de lazer e descontração. Uma típica cidade interiorana, com restaurantes e lanchonetes. A cada término de jornada, o grupo escolhia um desses pontos para se deliciar, em seguida às longas trilhas percorridas, com petiscos e bebidas. Uma pequena iguaria, o pão de canela, tradicional na cidade, não faltou à mesa das comemorações e nem nas bagagens.

Finalizando o terceiro dia de passeio, uma noite de queijos e vinhos. Era uma despedida e ao mesmo tempo agradecimento por voltarem purificados pela magia do local e extasiados pela natureza simples e bela do Parque de Ibitipoca.



ANIVERSARIANTES

SETEMBRO

- | | | |
|-------------------------------------|----------------------------------|-----------------------------------|
| 01 Paulo Rogério Vidal Cid | 11 Raymunda Araujo | 22 Lucas Romualdo Monteiro |
| 03 Ana Claudia Blois | 12 Paulo Augusto Aranha Rossi | 23 Eric Flores Coelho |
| 03 Gustavo B. Wagner | 12 Juliana Gomes | 23 Octavio M V Campello Nogueira |
| 04 Rachel Marques | 13 Hugo de Castro Pereira | 23 Livia Alvarenga Sidney |
| 04 Marcos Balaguer | 13 Ernane Barreto Wermelinger | 23 Verônica dos Santos Coutinho |
| 05 Celeste Viana | 14 Roberto Bianchini Antonio | 24 Alex Silva Pinheiro |
| 05 Sandra Regina dos Santos Peleias | 15 Alberto de Faria Matos | 25 Yvana Marques Pereira |
| 05 William Peña | 15 Graziela Salvan Cerveira | 25 Alda da Silva Ramos |
| 06 Antônio Carlos Estevam Trojan | 16 Neuza do Nascimento | 25 Lis Jacinto Vechina |
| 07 Renato Sobral Pires Chaves | 16 Renata da Costa Cattelan | 26 Filipe Celso Torres |
| 08 Heliana Falcão Ramos da Cunha | 18 Luis Carlos da Silva | 27 Marcelo da Silva Yungtay |
| 08 Thiago Caetano | 18 Carlos de Oliveira Cardoso | 27 Norma Suely Moreira |
| 08 Denise Martins dos Santos | 20 Rogério Costa Faria | 28 Marcela de Araujo L. Lins |
| 08 Maria Claudia Sotto-maior | 20 Simone Cristina Bastos Jorge | 28 Marcelo Marques Pereira Santos |
| 10 Marcia da Silveira Moraes | 20 Patricia Turano de Carvalho | 29 Milton Roedel Salles |
| 10 Zilda Alves de Magalhães | 21 Heloene de Almeida Rios Cunha | 30 Pedro Bugim Ruel Vergnano |

OUTUBRO

- | | | |
|--|---------------------------------------|---|
| 01 Maria Fernanda Belisario May | 10 ngelo Nascimento Vimenev | 24 Sergio Carneiro de Oliveira |
| 01 Yuki Matsumoto | 14 Francesco Berardi | 24 Adriana Sayuri Morita Coelho |
| 01 Henrique Fleiuss C. Prado | 15 Nilo Sergio Scoralick | 26 Adriana Ramalho da Costa Santos |
| 02 Silvia Maria de Almeida | 15 Francisco Carlos Caetano | 26 Sheila Sandi dos Santos |
| 02 Paulo Cadete | 15 Roldão de Paula Freitas | 26 Camilla Porto |
| 02 Adriana dos Santos Silva | 15 Eliana de Souza | 27 Zilah Vieira Meirelles |
| 02 André Luís Carvalho de Azevedo | 20 Alexandre da Costa Azevedo | 27 Luis Fernando Fernandes Pimentel |
| 03 Ana Paula Alias Megna | 21 Bernardo Nascimento Soares | 27 Pedro Haddad Gomes Rocha |
| 03 Dayse Affonso | 22 Diogo Pereira Marques Cruz | 27 Marcello Rocha de Castro Lopes |
| 03 Ester Lauffer Zerfas | 22 Valter Silva Couto | 27 Lourdinha Francisca Lourdimar Costa. |
| 04 Luiz Henrique do Carmo Alvares da Silva | 23 José Carlos Ferreira | 28 Carolina Daemon Pereira |
| 05 Thomas Braun | 23 Julio César Damigo Cruz de Rezende | 28 Joice Motta Ruivo de Oliveira |
| 05 Cláudia Andreia L Pinto | 23 Mariana Dias da Silva | 29 Fernando Roberto Esteves |
| 08 Adriana Lopes Coutinho Braga | 23 Matheus Iago da Silveira ferreira | 31 Ricardo Rocco |
| 08 Rocio Fernandes Santos Viniegra | 24 Eliane Areas Cid | |

35

CHEGANDO À BASE

- 04064 - Henrique Alves Protázio de Almeida
04065 - Juliana Gomes
04066 - Anna Gabriela Malta
04067 - Liciane Schunemann
04068 - Marcos Balaguer
04069 - Luiz Otavio da Silveira Ferreira
04070 - Daniel Wyllie Lacerda Rodrigues
04071 - Alex de Oliveira e Oliveira
04072 - Carlos Henrique de Oliveira Petrucci
04073 - Lucas Melo Cordeiro
04074 - Suzanna Carreiro Calache
04075 - Aline Palmier
04076 - Valter Moreno



- 04077 - Giselle Martins de Oliveira
D0296 - Sidney Loureiro da Silveira
D0297 - Matheus Iago da Silveira Ferreira
D0298 - Lucia Helena Soares Ribeiro
D0299 - Raquel Damasceno França
D0300 - Paula Damasceno Santos
D0301 - Daniele Rausis Lobos

BIKE

CAMPING

MONTANHISMO/ESCALADA

TRAIL RUNNING

VIAGENS

visite a nova Adventura!

Associados dos clubes excursionistas possuem desconto!



ADVENTURA
explore sua natureza

NOVO ENDEREÇO

**Av. Treze de Maio, 33C - Centro
Rio de Janeiro - RJ**

ADVENTURA.COM.BR

Tel: (21) 2524-2208

WhatsApp: (21) 98669-2219